

# O livro didático de ciências humanas e sociais aplicadas como um documento histórico-imagético de preservação da ordem racista na sociedade contemporânea

Pugliesi, Eduardo Jorge <sup>1</sup>

Carlos, Erenildo João <sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo problematizou a questão das imagens visuais das pessoas negras no Livro Didático de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Ensino Médio da Rede Estadual da Paraíba (Braick *et al.*, 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020e; 2020f), por ser ele um documento histórico-imagético que atua a fim de preservar a ordem do discurso racista na sociedade contemporânea. Logo, o objetivo central deste estudo foi o de identificar o que estabelece a ordem do discurso racista no LD fonte pesquisado. Usamos os pressupostos teórico-metodológicos da Arqueologia de Michel Foucault (2015) nesta pesquisa, pois eles se ocupam em investigar o discurso-enunciado, em busca de suas regularidades na dispersão enunciativa. Assim, após mapear e sistematizar o território arqueológico da pesquisa, conseguimos identificar as seguintes regularidades enunciativas: a de estigmatização; a de desumanização; a de inferiorização e a de servidão. Sob as quais a ordem do discurso racista se assenta nesse LD pesquisado.

*Palavras-chave: imagens visuais das pessoas negras; livro didático; ordem racista.*

## The textbook of applied human and social sciences as a historical-image document for the preservation of the racist order in contemporary society

## ABSTRACT

This article problematized the issue of visual images of black people in the Textbook of Applied Humanities and Social Sciences for Secondary Education in the Paraíba State School System (Braick *et al.*, 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020e; 2020f) because it is a historical-image document that acts to preserve

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba. Doutor e Mestre em Educação pela UFPB e Graduado e Especialista em História pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Professor efetivo das redes de ensino do Estado da Paraíba e da Prefeitura Municipal do Paulista/PE. Email: professorpugliesi12@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9035402257561577>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1780-7244>.

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba. Pedagogo; Doutor em Educação; Professor da Graduação e Pós-graduação em Educação da UFPB, lotado no Departamento de Fundamentação da Educação do Centro de Educação, Campus I; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Discurso e Imagem Visual em Educação – GEPDIVE; Editor-chefe da Revista Discurso & Imagem Visual em Educação – RDIVE. Email: [erenildojc@gmail.com](mailto:erenildojc@gmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3119274144159124>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7272-2748>.

the order of racista discourse in the source textbook studied. We used the theoretical-methodological assumptions of Michel Foucault Archaeology (2015) in this research, as they investigate the discourse-enunciado, seeking its regularities in enunciative dispersion. Thus, after mapping and systematizing the archaeological territory of the research, we were able to identify the following enunciative regularities: stigmatization; that of dehumanizing; that of inferiorizing; and that of servitude. Under which the order of racista discourse is based in this researched LD.

*Keywords: visual images of black people; textbook; racist order.*

## **El libro de texto de ciencias humanas y sociales aplicadas como documento de imagen histórica para la preservación del orden racista en la sociedad contemporánea**

### **RESUMEN**

Este artículo problematizó la cuestión de las imágenes visuales de personas negras en el Libro de Texto de Humanidades Aplicadas y Ciencias Sociales para la Educación Secundaria en el Sistema Escolar del Estado de Paraíba (Braick *et al.*, 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020e; 2020f) porque es un documento de imagen histórica que actúa para preservar el orden del discurso racista en la sociedad contemporánea. Por lo tanto, el objetivo central de este artículo fue identificar lo que establece el orden del discurso racista en el libro de texto fuente estudiado. Utilizamos los presupuestos teórico-metodológicos de la Arqueología de Michel Foucault (2015) en esta investigación, ya que investigan el discurso-enunciación, buscando sus regularidades en la dispersión enunciativa. Así, después de mapear y sistematizar el territorio arqueológico de la investigación, pudimos identificar las siguientes regularidades enunciativas: estigmatización; la de deshumanizar; la de inferiorizar; y la de servidumbre. Bajo qué se fundamenta el orden del discurso racista en esta LD investigada.

*Palabras clave: imágenes visuales de personas negras; libro de texto; orden racista.*

### **INTRODUÇÃO**

Neste artigo, vamos comunicar alguns achados de uma investigação muito ampla e abrangente que foi feita sobre o discurso racista no Livro Didático (LD) de Ciências Humanas e Sociais (CHSA) do Ensino Médio (EM) da Rede Estadual da Paraíba (PB) (Braick *et al.*, 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020e; 2020f) por intermédio dos pressupostos teórico-metodológicos da



**Interritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267333  
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:**  
**proposições, articulações e reverberações**  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267333>

Arqueologia de Michel Foucault (2015), uma teoria do discurso, que se ocupa em investigar o discurso enquanto “um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva” (Foucault, 2015, p. 132).

O LD será aqui abordado como um documento histórico-imagético. Nosso estudo desenvolveu-se por meio de uma pesquisa exploratória em diversos LDs de outras áreas do conhecimento, editados segundo o mesmo PNLD – 2021 (Brasil, 2020), com a finalidade apenas de observar se eram usadas – e como – imagens visuais e, mais especificamente, os de CHSA – empreendendo-se, portanto, uma pesquisa arqueológica, na qual se constatou um grande acervo de registros visuais dispersos por toda a materialidade do LD.

Sabemos que as imagens visuais são elementos de comunicação utilizados no mundo contemporâneo. Podemos dizer até que há uma certa imanência delas, pois, em, praticamente, todos os espaços, vemos uma apontando para uma direção, comunicando alguma coisa, instruindo alguém, fazendo uma denúncia ou servindo de suporte para o aprendizado por meio de uma linguagem própria e eficaz. Essas são apenas algumas das perspectivas do uso das imagens visuais que identificamos de uma maneira geral.

No entanto, em nossa pesquisa, interessam-nos apenas as relacionadas ao racismo e que se encontrem presentes no LD de CHSA do EM da rede estadual da Paraíba, fonte da nossa investigação. Como nosso objeto de investigação é o discurso racista, as imagens visuais que nos ocuparemos em pesquisar e procurar conhecer são as imagens referentes às pessoas negras. No mapeamento que fizemos, identificamos cerca de 191, com presença significativa nos seis volumes de nossa investigação.

Esses achados são indícios visuais que nos permitem investigar a existência ou não da possibilidade de um discurso racista no LD em questão. Como o LD é pensado, pedagogicamente, para ser consumido por um público específico (os sujeitos do aprendizado) em um lugar determinado, a escola, ele é definido por um conjunto de leis (Brasil, 1990; 1996), diretrizes (Brasil, 2024) e normatizações oficiais (Brasil, 2018), que, em seu tempo, são elaboradas para que aquilo que seja ensinado ordene um conjunto de saberes fundados na episteme de seu tempo, de modo que compartilhe

**[...] uma visão do mundo, uma fatia de história comum a todos os conhecimentos e que imporia a cada um as mesmas normas e os mesmos postulados, um estágio geral da razão, uma certa estrutura de pensamento a que não saberiam escapar os homens de uma época – grande legislação**

escrita, definitivamente, por mão anônima (Foucault, 2015, p. 230-231, grifo nosso.).

A sociedade, em cada temporalidade, passa por um conjunto de mudanças e alterações em seu *modus vivendi* e em seu *modus operandi*. Portanto, os saberes em cada quadra histórica, concomitantemente, também passam por essas transformações. Logo, o objetivo mais básico da escola é que os sujeitos do aprendizado aprendam, em seu tempo de existência social, aquilo que é significativo ao seu desenvolvimento intelectual em amplos aspectos, desde os saberes mais essenciais em uma sociedade logocêntrica (leitura e operações matemáticas), aos mais elaborados, a fim de um desenvolvimento maior no sentido de uma ampliação maior e mais aprofundada em sua leitura (conceitos, teorias, experimentações científicas com suas respectivas leituras e compreensões das estruturas socioeconômicas que mantêm a sociedade dessa forma).

Diante disso, reconhecemos a importância da escola na lógica desse mundo que deixou de ser aristocrático, tendo a igreja como instituição mais importante, e passou a ser regido pelo pensamento burguês. Sendo assim, essa instituição de ensino é erigida ao mais alto grau de importância nesse instante, pois ela trabalha incansavelmente para moldar o mundo à imagem e semelhança da burguesia, que passa a fazer promoção e defender a ordem burguesa por meio de uma ação ideológica muito bem sucedida de divulgar, promulgar, inferir, ou seja, tornar conhecidas as conquistas da burguesia na História, algo que ocorreu a partir de um amplo processo gradativo de dominação socioeconômica que foi transcorrendo em meio a muitas lutas sociais que a historiografia nomeia de Revoluções Burguesas (Falcon; Rodrigues, 2006).

Essas revoluções se sucederam no século XVIII, a saber: de início, a Revolução Industrial, 1760, que operou uma mudança na ordem da produção dos bens de consumo e de produção, gerando dois grupos distintos de pessoas no tecido social – aqueles que eram detentores dos meios, instrumentos e locais de produção e os que possuíam apenas a sua força de trabalho e, por necessidades de sobrevivência, se ofereciam para a exploração nas amplas cadeias de produção; em seguida, a Revolução Americana, 1776, que gerou uma mudança pontual na ordem colonial, na qual um grupo de colonos burgueses se levantou contra a coroa inglesa e, por intermédio de muitas batalhas, resistência e sangue derramado, subverteu tal ordem de exploração aristocrática por meio da consolidação da independência de suas 13 Colônias em 1783 – estabelecendo, dessa forma, uma nova sociedade nos moldes liberal-burguês, servindo, no futuro, de modelo a esse novo mundo

burguês que vem nascendo. E, por fim, a Revolução Francesa, 1789, que rompeu a ordem aristocrática socioeconômica da França, transformando os súditos em cidadãos, agora com direitos além de deveres, e alçou a burguesia à posição de classe dominante social (Hobsbawm, 1977).

A burguesia triunfou em seu conjunto de lutas sociais no século XVIII, na Europa e na América do Norte, derrubando a aristocracia de sua posição dominante. Mas, como não há vácuo de poder (Braudel, 1995), logo a própria burguesia ocupa esse vazio e trabalha intensificadamente por meio do capital, com sua força preponderante para organizar esse mundo conforme a sua ideologia que passou a ser dominante nesse momento histórico. Com um adendo, dentre as várias ações organizadas para consolidar o seu poder, usar a escola como a sua principal agência de promoção e organização do mundo novo que passa a surgir desde a sua ascensão configura-se como um ato bem-sucedido naquilo que se propôs – criar um mundo à imagem e semelhança da burguesia.

Esse mundo burguês foi estruturado a partir de algumas bases de sustentação que são as responsáveis pela manutenção de sua estrutura material, a saber: de início, a centralidade do capital em todas as relações feitas nesse mundo (tudo gira em torno do dinheiro); o domínio dos meios, instrumentos e locais de produção (o apossamento da burguesia de todas as coisas que podem ser usadas para gerar riqueza); reserva de mercado de mão de obra barata sempre disponível (taxas de desemprego sempre em alta e estável); divisão internacional de trabalho (o que será produzido em cada lugar do globo); mais-valia (a apropriação do lucro); concentração de renda (o monopólio dos recursos financeiros nas mãos da classe dominante); a exploração da força de trabalho do proletariado (usufruto da energia produtiva do operariado em benefício próprio) (Marx, 2013). Por fim, o conceito de servidão voluntária, que, na verdade, configura-se em uma nova forma de escravização das pessoas nos dias atuais, que, pelo fato de necessitarem sobreviver, submetem-se a trabalhos similares aos dos escravizados do passado próximo, que labutavam até a sua última gota de suor e sangue: “por exemplo, embora juridicamente livres, a maioria das pessoas não pode escolher se quer trabalhar ou não” (Almeida, 2019, p. 56), assujeitadas ao sistema de exploração de pessoas.

Nesse artigo, vamos nos ocupar apenas em observar, mais detalhadamente, essa última relação, pois, nela, há a presença do racismo enquanto uma ordem. Assim, vamos investigar o território arqueológico do LD de CHSA do EM da Rede Estadual da Paraíba, com o objetivo central de

identificar o que estabelece a ordem do discurso racista nesse LD em questão. Em seguida, como forma de exercício de saber comunicar os nossos achados de uma forma inteligível e condensada no espaço desse excerto, uma vez que tal local de pesquisa já serviu de fonte para a produção da minha tese de doutorado<sup>3</sup>.

## **As imagens visuais como um dispositivo eficaz de comunicação**

O ser humano é um ser visual. O ato de ver está presente nas pessoas empiricamente como um dos sentidos mais elementares na sua relação de saber com as coisas do mundo externo. O tempo todo, estamos expostos a elementos visuais em nosso redor e derredor. Somos acostumados a ver<sup>4</sup>, e, a cada tempo que passa, há mais coisas a serem vistas, devido à miríade de artefatos visuais que são gerados para serem expostos nos mais diversificados suportes materiais, que podem ser outdoors, ecrãs, monitores de PC ou notebooks, telas de celulares ou as páginas dos LDs que passam a ser exploradas por vários meios e campos do conhecimento humano.

Embora seja evidente a presença da imagem visual em nosso cotidiano, a comunicação e a educabilidade visual das pessoas são acontecimentos produzidos pelos seres humanos há muito tempo. Nota-se, assim, ao longo da história, a importância do uso de imagens visuais nos processos de formação dos saberes humanos. Observando-se o tempo atual de nossa história, identificamos que, em nenhum outro momento da existência humana, houve tantas imagens visuais sendo utilizadas para se dizer alguma coisa ou comunicar algo a outrem. Fenômeno que se constata em diversas materialidades.

A produção de imagens visuais e seu uso nas relações sociais como um dispositivo de comunicação é um fenômeno presente nas formações sociais

---

<sup>3</sup> Pugliesi, Eduardo Jorge. **O discurso racista em imagens visuais do livro didático de ciências humanas e sociais aplicadas do ensino médio da rede estadual da Paraíba**. Orientador: Erenildo João Carlos. 2025. 555 f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2025.

<sup>4</sup> Fazemos uma pequena ressalva que até mesmo as pessoas que nascerão sem a visão, por algum motivo, uma idiosincrasia cerebral, até elas usam o recurso da imagem para saber. Essas pessoas formam imagens em suas mentes de histórias que ouvem ou da leitura que fazem em braille, criando, assim, um referencial para aprender algo em relação a algum objeto ou em relação ao seu cotidiano. Um fato que demonstra o quanto o recurso da imagem visual é importante ao desenvolvimento dos saberes (Sacks, 1995).

mais antigas da Terra, conforme demonstram os achados arqueológicos. Exemplo disso são as Pinturas Rupestres, pelas quais os primeiros *homos* expressavam o seu mundo nas paredes das cavernas, basicamente aquilo que era imprescindível e importante à preservação da vida do seu agrupamento. Para eles, as paredes das cavernas se constituíram nos primeiros suportes imagéticos de registro e comunicação. Essa prática foi se configurando em uma atividade e evento comum, hoje, identificada em representações de vários sítios arqueológicos escavados e conhecidos (ver Figura 1).

As cavernas eram um lugar de acolhimento, segurança e moradia. Um local perfeito para ser desenvolvida a prática educativa do ver. Nelas havia um público para ver imagens, movidas pela afluência desencadeada pelas baixas temperaturas que imperavam nesse momento. As pessoas se acomodavam em seu interior, a fim de viver ou se ajuntar, mesmo que apenas por algum tempo, para sobreviver as intempéries. Nessas condições, era vital que todos de um determinado “bando” aprendessem rapidamente, a forma e a maneira correta de caçar, pois disso dependia a preservação da vida da comunidade.

**Figura 1: Pintura Rupestre de Lascaux, França, 17.300 a. C.**



Fonte: Braick *et al* (2020a, p. 13)

Na atualidade, as grandes empresas do ramo de tecnologia da informação e comunicação<sup>5</sup> entenderam isso muito bem, tanto que elas utilizam, demasiadamente, esse conhecimento em seus processos comunicativos. Elas sabem que o signo visual prende a atenção do público por mais tempo do que o comum, tornando-se valiosíssima para o ramo da

<sup>5</sup> Apple; Microsoft; Alphabet (Google); Amazon; Meta (Facebook, Instagram, WhatsApp); Samsung; IBM; Intel; Cisco; Huawei.

atividade econômica. Tais empresas têm explorado esse saber, com a finalidade de vender produtos e serviços – um novo segmento do modo de produção capitalista intitulado de economia da atenção. Algo que tem gerado muito ganho financeiro pelo tempo que os usuários gastam vendo seus produtos na internet, ou seja, consumindo-os (Simon, 1971).

Com efeito, a imagem visual se tornou um dos dispositivos de comunicação utilizados no mundo pós-moderno, e, devido a uma variedade de usos e fins, destacamos sua eficácia comunicativa. Algo interessante consiste em que uma comunicação visual-imagética não necessite, essencialmente, de assujeitamentos às regras gramaticais regenciais ou de concordância, ou, muito menos, de uma estilística mais elaborada. Ela se configura como uma mensagem total, inteira, completa, enfim, holística. Algo que está patente ao olhar humano e possui um objetivo de ser uma comunicação objetiva, direta e profunda ao mesmo tempo, pois, como se diz na ótica da Análise Arqueológica do Discurso, elas estão dispostas e posicionadas em uma determinada ordem, cuja regularidade pode ser investigada e conhecida na dispersão enunciativa de uma série específica de significantes visuais.

Nesse sentido, atrevemo-nos a dizer que elas são imanentes ao tecido social da história presente. Elas são de tal sorte tão abundantes e verossimilhantes que, muitas vezes, são identificadas como a própria realidade apresentada nesse século XXI. De modo tal, sua presença é tão efetiva que se tornou imprescindível seu uso nos processos de comunicação atuais. Devido a suas características, entendemos o porquê de estarmos inseridos em uma “galáxia imagética”, conforme Santaella e Nöth (2015, p. 13) asseveraram.

Em certa medida, a educação, por meio de um processo mais amplo de pedagogização de cada uma de suas áreas de conhecimento, define o que deve ser visto. Em relação à visualidade dos saberes de caráter educativos, Carlos (2011, p. 15) assevera: “ver exige educabilidade”. Portanto, o ato de ver algo não é natural, mas aprendido em uma ação didática elaborada por meio de uma pedagogia específica que se propõe a tal fim.

Considerando a existência da diversidade de fins, artefatos e suportes visuais, deter-nos-emos em tratá-los no âmbito da educação e, mais especificamente, da presença desse fenômeno no Livro Didático – LD. Como se sabe, a educação é uma prática social e um campo de saber responsável por formar as gerações de uma sociedade determinada, compartilhando e reproduzindo uma série de conhecimentos, valores e ideologias, considerados válidos social e culturalmente de serem aprendidos em determinado tempo.

## **O livro de ciências humanas e sociais aplicadas como um suporte potente de aprendizado no mundo pós-moderno**

Considerando que o livro didático (LD) é um produto cultural que carrega episteme de sua época, ordenando o que é tido como válido de ser aprendido no intervalo de sua temporalidade e espacialidade pedagógica, entendemos que seja precisamente essa característica que o torna um artefato pedagógico relevante para a formação do cidadão que se deseja constituir.

O LD é caracterizado como esse lugar de materialidade do saber e de plausibilidade formativa de que as intencionalidades políticas, ideológicas, econômicas, filosóficas, históricas, religiosas, culturais e discursivas dos grupos detentores do poder em seu tempo fazem uso amplamente. Diante disso, tomam-se, como referência, as imagens visuais postas nesse artefato cultural que se configura em uma realidade material cada vez mais presente na contemporaneidade.

Provavelmente, esse motivo histórico e cultural fez e faz do LD um objeto de disputa ideológica, de confronto entre cosmovisões gerais e específicas, de choques civilizatórios entre concepções assumidas como válidas, de embates políticos profundos, de jogos cotidianos de poder, nos quais questões de vários matizes de grupos socioculturais diferentes e antagônicos concorrem entre si, usam suas forças (econômicas, políticas e simbólicas) para forjar as mentalidades de milhares de sujeitos aprendizes, cujos currículos hegemônicos traçam os percursos que os educandos devem seguir na Educação Básica (EB). Tal prática acontece de vários modos, mas, neste artigo, trataremos na perspectiva discursivo-imagética, aspecto que atravessa o território pedagógico do LD. Nesse sentido, LDs são artefatos que

Permitem estabelecer entre os fenômenos simultâneos ou sucessivos de uma determinada época uma comunidade de sentido, ligações simbólicas, um jogo de semelhanças e de espelho – ou que fazem surgir, como princípio de unidade e de explicação, a soberania de uma consciência coletiva (Foucault, 2015, p. 26).

Posta dessa maneira a questão do LD, podemos reconhecer o fato de quão importante eles são na e para a formação dos educandos. Por ser um espaço multifacetado e interdisciplinar, o LD contempla saberes variadas (linguagens, matemática, biologia, física, química, geografia, história, sociologia e filosofia), que são estudados na EB. Assim sendo, ele deve ser utilizado

como um artefato pedagógico mediador da aprendizagem do educando ao longo de sua formação na EB, o que lhe confere um *status* institucional significativo na ordenação do processo de ensino-aprendizagem no mundo da sociedade capitalista (Althusser, 1987).

Nessa perspectiva, a edição do PNLD-2021 (Brasil, 2020) veio corroborar, uma vez que ela operou uma série de mudanças nos LDs, sobretudo na área das humanidades, que estabelecem novos ordenamentos e concepções, reestruturando a disciplina, tendo em vista instaurar uma nova ordem na configuração dos saberes escolares.

Em razão de sua importância, há toda uma tensão na elaboração de leis que organizam os parâmetros, as diretrizes e as orientações do e no LD, pois isso faz parte do jogo de poder que atua, primeiramente, nas questões legais, para que, posteriormente, haja a edição e a promulgação deles nos meios oficiais das esferas de poder federal, estadual e municipal – algo que dota a organicidade e consubstancialidade do LD.

Sendo assim, quando observamos uma imagem visual qualquer posta em uma página de um LD, ela está ali com um fim pedagógico. Enfim, ela sempre tem algo a dizer, acionando, de uma maneira própria, um conjunto de saberes de várias ordens para comunicar o que se pretende. Dentre os mais variados temas e assuntos que poderíamos abordar nesse sentido, decidimos elencar o racismo enquanto uma ordem estabelecida e preservada na História, devido a dois fatores distintos, mas que, de alguma forma, se interseccionam e dialogam entre si: de início, essa escolha se deve ao grau de importância que o racismo possui na formação social do Brasil; e, em seguida, por ser essa uma temática explorada em minha pesquisa de doutorado que tem o Livro Didático de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Rede Estadual da Paraíba (Braick *et al.*, 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020e; 2020f) como fonte de investigação para a escrita desse excerto<sup>6</sup>.

## **A Arqueologia como um instrumento de investigação teórico-metodológico do discurso**

---

<sup>6</sup> Esse resumo expandido faz parte de um exercício de escrita e reflexão sobre o LD em questão como um território arqueológico de investigação que foi desenvolvido em minha pesquisa de doutoramento, cuja tese possui o título: O Discurso Racista em Imagens Visuais do Livro Didático de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Ensino Médio da Rede Estadual da Paraíba, desenvolvida ao longo de quatro anos e defendida em 28 de março de 2025, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação (UFPB).

A Arqueologia de Foucault (2015) se configura como um instrumento de investigação do discurso muito potente, pois possui uma gama de ferramentas que podem ser utilizadas com eficiência para se conhecer mais as especificidades da discursividade pesquisada.

A nossa pesquisa empreendeu uma investigação de cunho arqueológico, visando identificar o que estabelece a ordem do discurso racista. Com base nisso, definimos o território de nossa investigação: o LD de CHSA da rede estadual da Paraíba. O *corpus* investigado é formado por todas as imagens visuais de pessoas negras ou relacionadas a elas, que foram identificadas no processo investigativo. Com base em pressupostos teóricos e metodológicos arqueológicos, buscamos saber como tais imagens articulam e operam uma regularidade, uma relação, uma correlação ou um movimento dispersivo e organizar da discursividade racista.

A investigação foi trabalhada metodologicamente mediante dois movimentos: no primeiro, houve uma horizontalização da pesquisa, algo que se deu em duas etapas distintas e complementares.

A primeira foi indicial. Nessa etapa, foi realizada uma série de observações das imagens visuais em questão, postas no território a ser explorado, em que se encontram as primeiras impressões, o que chamou a nossa atenção, e, portanto, precisou de um olhar com mais acuidade. Nessa etapa, o olhar do pesquisador é geral e superficial, vez que se encontra no campo das impressões, no instante dos primeiros contatos. No caso de nossa pesquisa, observamos que há uma abundância de imagens visuais de pessoas negras ou relacionadas a elas, que, de imediato, chamaram a nossa atenção e despertaram o nosso desejo de saber.

A segunda etapa consistiu no mapeamento das imagens visuais das pessoas pretas. Partindo dos indícios encontrados, buscamos mapear os artefatos imagéticos que foram observados no território arqueológico do LD. Este foi o momento mais longo da investigação, pois, nele, empreendeu-se uma investigação exploratória da fonte. Preliminarmente, folheou-se página por página, registrando o que estava relacionado ao objeto de pesquisa: o tipo de imagem, a sua natureza, em função de que ela estava posta ali, a relação e a correlação imagética presentes e, por fim, seu posicionamento e proporcionalidade na página.

De posse desse conjunto de informações, avançamos em nossa investigação por meio de um segundo movimento. Este de caráter vertical,

efetivado em quatro etapas específicas, sucessivas e que se complementam, a saber:

1 – Escavação da fonte: com base naquilo que foi mapeado, vamos aprofundar a investigação, sair do campo das aparências, das impressões, um lugar de muitas luzes, que, em muitas das situações, produzem efeitos ópticos, mas, enquanto adentramos no solo do território camada por camada que seguimos escavando, a luz vai ficando cada vez mais fraca. Já que é um lugar mais profundo do território. se lugar, encontram-se os artefatos pesquisados. Na grande maioria das vezes eles estão em partes, em pedaços, enfim, em fragmentos. Portanto, precisam ser juntados e lidos como são, e não como achamos que são, ou como gostaríamos que fossem (efeitos interpretativos lacunares). Esse é o lugar no qual as ferramentas arqueológicas (conceitos, definições e teorias) são usadas de acordo com a necessidade específica que determinado artefato achado na escavação exigir. A escavação tem a finalidade de investigar os artefatos imagéticos e vê-los como são, sem impressões ou aparências.

2 – Sistematização dos achados. Este é o momento de organizar as informações, não de acordo com cronologias, nem a partir de similaridades ou conexões arbitrárias entre si, mas, sim, a partir de sua homogeneidade enunciativa, com base em regras de formação das séries de enunciados que estão postos na discursividade racista histórica, contida em tempos e espaços determinados.

A sistematização dos achados da escavação permite ver aquilo que foi encontrado. E, para ficar mais compreensível, foi organizado em categorizações particulares, que obedecem a determinadas regras de formação e de dispersão de seus enunciados. Nesse momento, passamos a ver as imagens visuais não mais como entes isolados ou particulares, mas como séries enunciativas que estão dispostas de acordo com a sua regra de formação.

3 – Analisar os achados. De acordo com aquilo que foi sistematizado, passamos a analisar as séries enunciativas que foram formadas – o conjunto das imagens visuais em suas especificidades. Nesse sentido, foi empreendida uma busca das regularidades de dispersão nas séries, com base nos pressupostos enunciativos da Arqueologia. É nessa etapa que damos nome às séries de enunciados que foram engendradas de acordo com a sua particularidade ordenativa, porque, na verdade, elas são as constituintes da discursividade racista que está presente no LD em questão, como um feixe de relações políticas, econômicas, jurídicas, institucionais, educacionais e

culturais, com o fim de manter as coisas como estão, o *status quo*, para que os membros dos grupos das classes dominantes permaneçam nas posições de privilégios e os das pessoas negras continuem sendo exploradas como dantes.

Diante disso, compreendemos de uma maneira mais substancial a importância do LD em relação à formação da consciência social simbólica (Bhabha, 2001) dos alunos e das alunas. Visto que, sendo ele um suporte material didático usado no processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos do aprendizado, nas muitas escolas que o adotaram, à medida que ele é usado nas mais variadas sequências pedagógicas para trabalhar os assuntos, as temáticas ou fazer qualquer abordagem que seja, concomitantemente, os saberes da ordem racista são ensinados aos mesmos sujeitos.

4 – Descrever os achados. Trata-se de uma etapa que ocorre quase ao mesmo tempo da anterior, pois, à medida que analisamos enunciativamente, logo operamos a descrição da ordem que estabelece tal discurso. Uma vez que, nesse momento, o nosso olhar não está mais voltado às aparências nem às impressões, mas às regularidades, às regras de formação dos enunciados, ao feixe de relações já identificado e nomeado, ao seu *modus operandi*, ao que ele suscita, infere, faz referência, alude, enfim, comunica à medida que é usado na materialidade do LD.

A ordem do discurso racista, na perspectiva da Arqueologia (Foucault, 2015), é o modo pelo qual são organizadas as séries enunciativas, é o que estabelece ali daquela forma, e não de outra. Vamos dar um exemplo dessa questão para que o entendimento fique mais acessível.

Imaginemos que vamos fazer uma visita a um casal jovem, que tem duas crianças pequenas. Sem demora, vamos encontrar os objetos da casa dispostos de uma maneira própria àquilo que estabelece a ordem dessa casa. Haverá brinquedos pelo chão ou em caixas de brinquedos, chupetas, mamadeiras, roupas de crianças no varal, etc., enfim, coisas próprias dessa relação: casal jovem com filhos pequenos. Nessa mesma linha imaginativa, vamos visitar também um casal de idosos. Logo ao entrar na casa, veremos o ambiente sem a ordem da casa anterior. Isso é óbvio enunciativamente, pois a relação casal idoso que não tem criança é estabelecida por outra ordem.

Da mesma forma, ocorre com o racismo. Por meio de suas mais variadas relações, ele estabelece uma determinada ordem que põe as coisas de uma maneira, e não de outra, algo que independe do tempo. As suas séries enunciativas comunicam as suas ordenações na sociedade. Elas estão postas dessa maneira e não podem ser de outra maneira, devido à natureza de suas

relações enunciativas que obedecem à ordem racista, da qual dispõem os elementos discursivos em relação às pessoas negras, com as finalidades de desumanizar, inferiorizar, estigmatizar, inferiorizar e, por fim, gerar uma servidão *ad aeternum* nesses entes sociais.

## **A ordem discursiva na sociedade contemporânea**

O ordenamento social do racismo é visível a um simples olhar sobre a posição sociocultural que as pessoas negras ocupam na sociedade historicamente e, ao mesmo tempo, está patente ao nosso entendimento observando algumas relações étnico-raciais mensuráveis no tempo presente: os maiores índices de encarceramento<sup>7</sup>; as maiores taxas de desemprego<sup>8</sup>; os piores indicadores sobre as questões da condição de subsistência humana (água potável, saneamento básico, energia elétrica e transporte público aos centros econômicos – onde estão as melhores oportunidades de trabalho) (Belchior, 2017) e, em um tempo mais recente, no caso da pandemia, em específico, o maior número absoluto de mortos (Martins, 2022).

Quando voltamos o nosso olhar para as páginas do LD fonte de nossa pesquisa, vemos que as imagens visuais das pessoas negras ou relacionadas a elas obedecem a uma ordem racista. Algo que estabelece esses artefatos visuais dessa forma, operando tal disposição como os vemos ao longo das páginas desse LD em questão. Essa ordem comunica os saberes próprios desse sistema histórico de exploração das pessoas negras, que se configura como sendo estrutural (Almeida, 2019), pois estabelece os alicerces, os fundamentos, ou seja, os princípios, pelos quais o edifício discursivo do racismo não apenas cresce na sociedade pós-moderna, como também se firma cada vez mais por meio de novas formas de exploração desses mesmos entes sociais, que seguem sendo explorados desde o Período Colonial até os dias

---

<sup>7</sup> A maioria absoluta das pessoas presas no Brasil são negras, com um percentual de mais de 60% da população prisional do Brasil. Cf. [https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias\\_sep/pt-br/noticias/junho/mapa-do-encarceramento-aponta-maioria-da-populacao-carceraria-e-negra-1](https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias_sep/pt-br/noticias/junho/mapa-do-encarceramento-aponta-maioria-da-populacao-carceraria-e-negra-1). Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/assuntos/noticias/senappen-lanca-levantamento-de-informacoes-penitenciarias-referentes-ao-primeiro-semester-de-2023/relipen/view>. Acesso em: 28 jun. 2024.

<sup>8</sup> A taxa de desemprego da população negra passa dos 20% (11,3% dos pretos e 10,1% entre os pardos) em relação ao quantitativo geral. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-05/desemprego-e-maior-entre-mulheres-e-negros-diz-ibge>. Acesso em: 28 jun. 2024.

atuais, mas agora sob outro *modus operandi* de exploração. Mas sem mudar a sua ordem em essência no tecido social. Desta forma, em nossa pesquisa, identificamos que:

A **ordem arqueológica** não é nem a das sistematicidades, nem a das sucessões cronológicas. Ao contrário, **a arqueologia descreve um nível de homogeneidade enunciativa** que tem **seu próprio recorte temporal**, e que não traz com ela todas as outras formas de identidade e de diferenças que podem ser demarcadas na linguagem; e **neste nível ela estabelece um ordenamento**, hierarquias e todo um florescimento que excluem uma sincronia maciça, amorfa, apresentada global e definitivamente (Foucault, 2015, p. 181-182, grifo nosso).

Portanto, a identificação da ordem que tais artefatos visuais obedecem e o reconhecimento da importância do seu uso nesse tempo atual são fundamentais ao que nos propusemos na escrita deste artigo. Uma vez que são tantas imagens visuais disponíveis a serem investigadas, mas decidimos focar o nosso olhar apenas naquelas que versam sobre as pessoas negras ou estejam postas em relação a elas nesse LD fonte. Assim, conseguimos identificar as seguintes regularidades em sua disposição: a de estigmatizar; a de desumanizar; a de inferiorizar; enfim, todas elas dispostas a fim de gerar uma servidão irrestrita das pessoas negras na sociedade patriarcal, branca, dominante, conforme a análise do conjunto das séries enunciativas que foram mapeadas nos comunicam (ver Figura 2).

**Figura 2: Mulher negra limpando WC público de mulheres brancas, África do Sul, 1985**



Fonte: Braick *et al.* (2020f, p. 129)

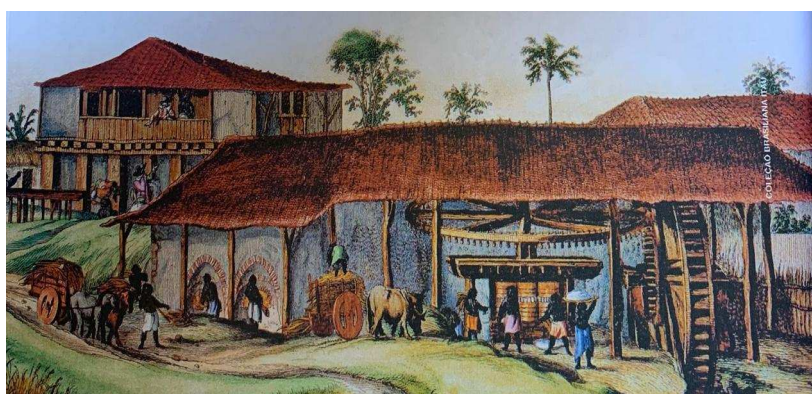
Outro achado dessa pesquisa foi que tais artefatos visuais agem gerando um efeito de servilidade *ad aeternum* sob os corpos das pessoas negras no tecido social, apresentando-as reiteradamente em um conjunto desses artefatos regidos pela mesma regularidade. Além disso, sempre estão postos com uma finalidade de gerar a aceitação histórica do que aconteceu em relação à escravização dos africanos pelos europeus, algo que visa naturalizar tal acontecimento como se ele estivesse restrito ao passado.

Hoje em dia, isso não tem mais nada a ver com as condições sociais e econômicas desfavoráveis que as pessoas negras vivem na sociedade contemporânea. Ademais, buscam também justificar o que foi feito em relação aos africanos no tocante ao tráfico negreiro transatlântico por uma série de questões de natureza filosófica, religiosa e científica da época, que não apenas defendiam a escravização de tais pessoas, como também criaram argumentos de plausibilidade para serem usados nos meios sociais desse momento histórico com argumentos baseados em justificativas desses três campos de saberes – cada um usando os seus próprios pressupostos para defender não só a escravização, como também o uso da mão de obra desses entes sociais como algo normal e natural. Algo das elites dominantes brancas, europeias e, depois de um certo tempo, as americanas também (os senhores de escravos das *plantations*) desse tempo, que tanto se beneficiaram com o usufruto de tal exploração.

Diante dessas questões, compreendemos o motivo de o Brasil ter sido tão marcado por essa ordem desde o início de sua formação, ainda no século XVI. Pois foi desenvolvido um sistema de exploração total das pessoas africanas escravizadas. Segundo o Padre Antonil (2011, p. 106), “os escravos são as mãos e os pés do senhor do engenho”. Tal afirmação foi feita no século seguinte, XVII, período em que a *plantation*, principal atividade econômica do Brasil, avançou, ganhando cada vez mais espaço, gerando, desse modo, ao longo do território da então América Portuguesa, a construção acelerada do maior número de engenhos de cana-de-açúcar para atender às demandas da produção de açúcar, o principal produto do Brasil, nesse momento de desenvolvimento econômico e social daquilo que se configuraria como um país alguns séculos à frente.

Essas unidades de produção se configuravam como um microcosmo da sociedade dessa quadra histórica, podendo ser dos seguintes tipos: real (os de grande porte, com uma produção em larga escala, necessitando de um enorme quantitativo de escravizados, que se configuravam como a sua força motriz, quem de fato, o movimentava) (ver Figura 3). Trapiche (os de pequeno porte, produção em pequena escala, fazia uso mais dos escravizados domésticos, mais voltado ao mercado local) ou de purgar (especializado na parte final do processo, momento de purificação do açúcar bruto, fazia uso de uma mão de obra mais especializada, usava, em sua maioria, técnicos e escravizados com um conhecimento mais elaborado), pois o território da colônia era um imenso *plantation* com uma multidão de escravizados africanos trabalhando incansavelmente até sua última gota de suor e sangue.

**Figura 3: Gravura de Frans Prost, engenho de açúcar, 1647**



Fonte: Braick *et al* (2020c, p. 104)

Assim, historicamente, as pessoas negras, desde esse momento, compuseram a base econômica de exploração da mão de obra no Brasil. No entanto, esse modo de exploração étnico-racial segue sendo o mesmo na contemporaneidade. A isso, chamamos de ordem de exploração, uma vez que as pessoas negras, mesmo não estando mais na condição de escravizadas, e, sim, na de cidadãs, desde a edição da Lei Áurea (Brasil, 1888), passaram a gozar de plenos direitos sociais e econômicos. Entretanto, permanecem, de fato, na mesma posição que dantes, na base econômica da exploração, compondo a força de trabalho com as funções menos qualificadas (menor grau de escolaridade), que, por conseguinte, têm os piores salários e são assujeitados às piores condições laborais (excesso de horas de trabalho sem o descanso regulamentado, serviços com alta periculosidade e insalubridade que põem em risco suas vidas e diminuem aceleradamente sua capacidade laboral devido ao desgaste excessivo que os levam à incapacidade desse tipo de atividade laboral e ao afastamento prematuro definitivo, prejudicando não só o próprio trabalhador, mas toda a sua família com carências e falta de perspectivas) e, ainda mais, representam o grupo social que tem os mais elevados índices de desemprego no Brasil, segundo o IBGE (2022).

Com base nesse entendimento arqueológico referente à ordem discursiva racista, em como ela ordena as coisas na sociedade, observemos uma imagem visual dos dias atuais de uma vendedora de frutas colombiana (ver Figura 4), que, por meio de sua atividade econômica, sobrevive existencialmente.

**Figura 4: Vendedora de frutas afro-colombiana, 2015**



Fonte: Braick et al (2020b, p. 27)

No entanto, essa imagem visual é muito mais que isso, ela se configura em um certo tipo de artefato cultural que está presente nas ruas, praças e feiras livres de muitos centros urbanos e econômicos de várias regiões que, no passado, foram colônias europeias, que, de alguma forma, tiveram relação com o empreendimento colonial escravista, que, mesmo após o seu fim, ainda continua regulando os corpos negros em suas relações econômicas – algo que o LD em questão nos apresenta por meio de séries enunciativas formadas por inúmeras imagens visuais de pessoas negras que se encontram nessa disposição, conforme identificamos por meio do mapeamento.

Diante disso, é mister reconhecer que esses lugares foram marcados pelo racismo de uma forma tão profunda em seu *modus operandi* e em seu *modus vivendi* que muitos elementos visuais postos nas páginas do LD em questão nos comunicam isso por meio do ordenamento de seus elementos visuais, gerando uma permanência da visualidade do racismo na sociedade atual, que tem como elementos visuais relacionais os mesmos entes sociais – as pessoas negras, quer sejam escravizadas, quer sejam cidadãos.

À vista disso, avançamos em nossa análise-descritiva da ordem discursiva racista que o LD em questão serve como um documento histórico-imagético de preservação de tal ordem. Isso é patente através de suas páginas, pois, à medida que os sujeitos do aprendizado estudam, ao longo das aulas, um determinado assunto ou temática no âmbito das ciências humanas e sociais, com base naquilo que está estabelecido na base curricular oficial (Brasil, 2018), concomitantemente, eles são expostos a tal ordem imagética. Logo, podemos reconhecer o porquê de tantas imagens visuais distribuídas em cada inserção de assuntos, dentre elas, a das pessoas negras,

que se apresentam em situações degradantes e desumanas em contiguidade ao lixo e à sujeira (ver Figura 5), em trabalhos servis, em uma perspectiva de inferioridade em relação às pessoas brancas no mesmo plano da imagem, enfim, relações, correlações, inferências e associações às quais os sujeitos do aprendizado são expostos, tendo seu olhar, dessa maneira, acostumado a ver isso ao longo de toda a sua formação na EB. Vale salientar que tais artefatos, além de carregar saberes da história social e cultural em seus elementos visuais de uma forma naturalizada, também condicionam o ato de ver através da exposição abundante desses artefatos visuais em uma mesma regularidade.

**Figura 5: Catador de recicláveis, em lixão de Caetité (BA), 2019<sup>9</sup>**



Fonte: Braick *et al* (2020b, p. 116)

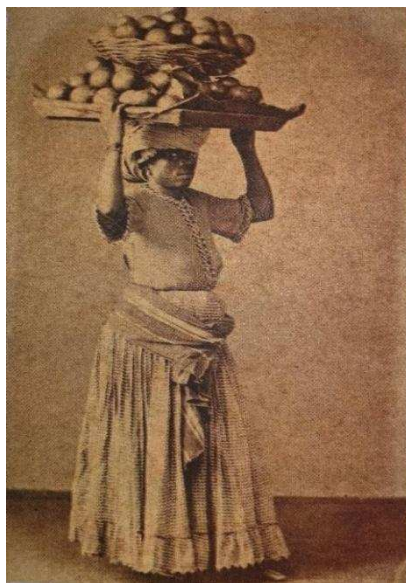
Por exemplo: ao longo de todo o Império, era corriqueiro e comum ver as pessoas negras escravizadas carregando, na cabeça, balaios com frutas, quitutes e iguarias da casa-grande para vender nas feiras (atividade econômica realizada majoritariamente pelas mulheres), a fim de trazer os lucros para os seus senhores (ver Figura 6) – isso era uma prática comum realizada pelos intitulados escravos de ganho (Reis, 2019).

A ordem racista é estrutural (observar a Figura 6, século XIX) e ao mesmo tempo estruturante (observar a Figura 4, século XXI). Em outras palavras: ela tanto ordenou e organizou o tecido social em suas múltiplas relações sociais e econômicas no passado quanto segue ordenando, no presente, as mesmas relações e outras que se apresentam no tempo atual. Diante disso, asseveramos que temos, como elemento central dessa ordem, a pessoa negra, que segue sendo subjugada, aviltada e vilipendiada, continuando com sua força de trabalho explorada sob uma condição de

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.pulsarimagens.com.br/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

existência precária, como pode ser visto no entorno dos grandes centros urbanos.

**Figura 6: Escrava de ganho vendedora, 1860<sup>10</sup>**



Fonte: Braick *et al* (2020c, p. 118)

Destarte, podemos inferir que as pessoas negras saíram das senzalas para, predominantemente, viver da forma mais precária possível nas muitas favelas que passaram a surgir do final do século XIX para o início do século XX. Um fato histórico descrito pormenorizado em riqueza de detalhes sensíveis sobre o que é viver em uma favela por Carolina de Jesus (2014, p. 40): “[...] porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo”.

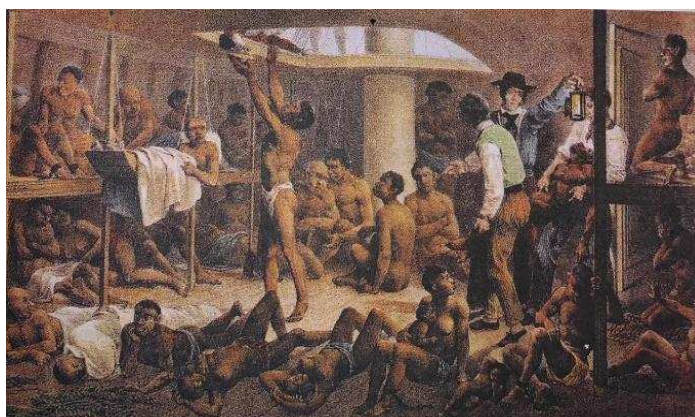
O uso frequente de tais artefatos visuais no LD seguem ordenando os elementos de visualidade do racismo junto aos sujeitos do aprendizado que usam esse suporte do aprendizado em sua formação. Nessa mesma perspectiva, podemos assegurar que uma das imagéticas mais comuns nos LDs do EM que abordam a chegada dos escravizados africanos às Américas, em específico, ao Brasil, é uma gravura de Rugendas (1835). Essa gravura

---

<sup>10</sup> Christiano Júnior (1864-1865). Escrava de ganho vendedora. Rio de Janeiro, RJ. Acervo Museu Histórico Nacional. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/6491>. Acesso em: 6 jul. 2025.

possui uma imagética muito potente por sua amplitude de saberes racistas presentes em cada elemento da imagem visual. Ela nos apresenta a representação do interior de um navio negreiro, comunicando de que forma e maneira os africanos escravizados foram transportados para às Américas. Pois tais povos foram capturados como animais na floresta e, em seguida, subjugados nas próprias terras pelos europeus, com o auxílio de algumas tribos que se aliaram a eles e, em seguida, traficados pelo Atlântico nas piores condições possíveis, algo completamente desumano, em Tumbeiros (ver Figura 7) (Conrad, 1985). Esse cenário configurou-se como um dos acontecimentos mais trágicos da história da humanidade, marcando profundamente as relações sociais, econômicas, ambientais, educacionais e culturais das Américas e da África em geral.

**Figura 7: Gravura de Rugendas, o navio negreiro, 1835<sup>11</sup>**



Fonte: Braick *et al* (2020c, p. 109)

Isto posto, compreendemos a importância do LD como um documento histórico-imagético de seu tempo, pois traz impresso imageticamente, em suas páginas, as marcas da História por meio das ideologias dominantes, dos regimes de controle dos corpos, dos modelos de exploração econômica e das ordens discursivas estabelecidas, enfim, aquilo que é considerado válido de conhecimento, importante para ser aprendido e apreendido, configurado como imprescindível de se possuir como habilidade para enfrentar os problemas do contexto espaço-temporal da atualidade. Esse é o caso das lutas sociais antirracistas que foram travadas ao longo do tempo e deixaram o seu legado

---

<sup>11</sup> Litogravura (colorida a mão) 35,5 cm x 51,30 cm, de Johann Moritz Rugendas, nome original da obra: Negros no fundo do porão, 1835. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2996/negros-no-fundo-do-porao>. Acesso em: 16 jul. 2025.

de resistência e não capitulação ante a ordem estabelecida, com a finalidade de estabelecer as pessoas negras em uma posição social servil, tornando-as uma mão de obra barata na estruturação do sistema capitalista que, dessa forma, as explora sob um modo próprio de seu tempo. Logo, é mister se apropriar de tal saber antirracista para reconhecer a presença da ordem racista no LD que serviu de fonte de nossa pesquisa e poder se posicionar em ação de resistência a tal imposição imagética (ver Figura 8).

**Figura 8: Campanha de Nelson Mandela à presidência da África do Sul, 1994**



Fonte: Braick et al (2020f, p. 129)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos achados da pesquisa, reconhecemos a necessidade de aprofundamento da ordem racista na sociedade contemporânea, em outras materialidades, além dessa que investigamos, a saber: o LD de CHSA do EM da rede estadual da Paraíba.

O racismo é um sistema de dominação e exploração que se perfaz e metamorfoseia-se com o passar do tempo para continuar mantendo as pessoas negras em uma posição de inferioridade, mantendo-se a exploração de tais mãos de obra, conforme comunicamos nesta pesquisa. Assim, a discursividade racista atua para gerar uma consciência social subjugada a tal ordem, isso de uma maneira geracional, que se dá por meio de uma educação sob os princípios de dominação das classes que, historicamente, gozaram dos privilégios socioeconômicos no Brasil.

Nessa pesquisa, o mapeamento das 191 imagens visuais de pessoas negras dispostas em algum tipo de relação com o racismo foi um achado de

extrema relevância, pois ele nos comunicou o quanto tal relação continua significativa e operante no seio da sociedade pós-moderna, o quanto tais artefatos seguem sendo usados para se dizer algo àqueles que estão em formação na EB. Nessa mesma perspectiva, diante dessa abundância de imagens visuais que foram mapeadas, identificamos as seguintes regularidades em sua disposição enunciativa conforme na discorreremos sobre elas: a de estigmatizar, a de desumanizar, a de inferiorizar e a de servidão, que submete os registros visuais das pessoas negras a uma ordem racista que se mantém no tempo e no espaço determinados.

Essas questões são de extrema relevância na comunicação dos saberes que nossa pesquisa conseguiu sistematizar após as suas escavações no território arqueológico do LD em questão. De início, reconhecemos uma ação de estigmatização à qual as pessoas negras eram submetidas por meio de marcações sociais de diferença, postas em regularidade de distinção negativa de tais entes sociais, algo que as acompanhava em inúmeras imagéticas distribuídas ao longo de nossa fonte. Em seguida, outro conjunto de imagens visuais, denominados, em nossa pesquisa, de séries enunciativas, atuava imageticamente em uma perspectiva de desumanização das pessoas negras. Trata-se de muitos artefatos visuais dispostos em uma relação na qual tais entes não eram retratados como seres humanos, com a devida dignidade e integridade, mas como seres indignos misturados ao lixo, disputando o que as outras pessoas não querem com animais em lixões ou nos centros urbanos – uma imagética que se repete em muitos registros visuais.

Além desses dois achados iniciais, temos também o da inferiorização das pessoas negras, que as acompanha imageticamente, algo presente em praticamente todas as séries enunciativas dessa categoria, que a toca no mesmo plano da imagem de uma maneira, quer seja interseccional, complementar ou suplementar. Por fim, a última regularidade mapeada e sistematizada foi a de servilidade, pois essa regularidade dispunha tais pessoas sempre em uma posição de serviço, de atividade braçal e de atenção a outrem (cabeça voltada para alguém branco).

A relevância desta pesquisa está em seus achados. Pois é por meio deles que tais saberes em relação ao racismo podem ser vistos e identificados em sua regularidade, algo que nos faz ir além das impressões e adentrar no lugar das ordens – aquilo que põe as coisas de sua forma e as estabelece para, assim, estarem dispostas.

Diante do que achamos no LD fonte em nossa investigação, por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da Arqueologia (Foucault, 2015),

vemos ser de extrema relevância à sociedade em geral que tal pesquisa, sob tais fundamentos, seja realizada em outras materialidades para que a ordem racista possa ser conhecida também nesses outros lugares, compreendendo-se as suas idiossincrasias, relações, correlações, regularidades e saberes que são usados em seu *modus vivendi* e seu *modus operandi* pelo discurso racista.

## REFERÊNCIAS

Almeida, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Althusser, Louis. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: notas sobre os aparelhos ideológicos do estado (AIE). 3. ed. Editora Graal. 1987.

Antonil, André João. **Cultura e opulência do Brasil**: por suas drogas e minas. V. 160. Brasília: Edições do Senado Federal, 2011.

Bauman, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Belchior, Pedro. **Tristes subúrbios**: literatura, cidade e memória em Lima Barreto (1881-1922). 1. ed. Niterói: Eduff, 2017.

Bhabha, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

Braick, Patrícia Ramos *et al.* **Moderna plus**: ciências humanas e sociais aplicadas – natureza em transformação. v. 1. São Paulo: Moderna, 2020a.

Braick, Patrícia Ramos *et al.* **Moderna plus**: ciências humanas e sociais aplicadas – globalização, emancipação e cidadania. v. 2. São Paulo: Moderna, 2020b.

Braick, Patrícia Ramos *et al.* **Moderna plus**: ciências humanas e sociais aplicadas – trabalho, ciência e tecnologia. v. 3. São Paulo: Moderna, 2020c.

Braick, Patrícia Ramos *et al.* **Moderna plus**: ciências humanas e sociais aplicadas – poder e política. v. 4. São Paulo: Moderna, 2020d.

Braick, Patrícia Ramos *et al.* **Moderna plus**: ciências humanas e sociais aplicadas – sociedade, política e cultura. v. 5. São Paulo: Moderna, 2020e.

Braick, Patrícia Ramos *et al.* **Moderna plus**: ciências humanas e sociais aplicadas – conflitos e desigualdades. v. 6. São Paulo: Moderna, 2020f.

Brasil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso em: 4 jun. 2025.

Brasil. Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888 [Lei Áurea]. Declara extinta a escravidão no Brasil. **Coleção de Leis do Império do Brasil**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 497, 1888. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/lim3353.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim3353.htm). Acesso em: 25 ago. 2023.

Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. p. 33–41. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 4 jun. 2025.

Brasil. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/resolucoes-ceb-2024>. Acesso em: 6 jun. 2025.

Brasil. Ministério da Educação. **PNLD 2021**: Ensino Médio – guia de livros didáticos. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/inicio/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12637-guias-do-programa-nacional-do-livro-didatico>. Acesso em: 6 jun. 2025.

Brasil. Ministério da Educação. **PNLD 2021**: Ensino Médio – guia de livros didáticos. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/inicio/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12637-guias-do-programa-nacional-do-livro-didatico>. Acesso em: 11 jun. 2025.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 6 jun. 2025.

Braudel, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**: Século XV-XVIII: as estruturas do cotidiano Tradução: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995

Carlos, Erenildo João; Vicente, Dafiana do Socorro Soares (Orgs.). **A importância do ato de ver**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011, 184 p.

Conrad, Robert Edgar. **Tumbeiros**: o tráfico escravista para a Brasil. Trad. Elvira Serapicos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

Falcon, Francisco José Calazans; Rodrigues, Antônio Edmilson M. **A formação do mundo moderno**: a construção do Ocidente séculos XIV ao XVIII. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

Foucault, Michael. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Beata Neves, 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

Hobsbawm, Eric J. **A Era das Revoluções**. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira; Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características étnico-raciais da população**: classificações e identidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

Jesus, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. 9ed. São Paulo: Ática, 2014.

Martins, Marcelo Rodrigues et al. O racismo estrutural e as mortes de negros por COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, 2022.

Marx, Karl. **O Capital** - Livro I: crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

Santaella, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997. Reimp., 2015.

Simon, Herbert A. **Designing Organizations for an Information-Rich World**. In: Greenberger, Martin (Ed.). Computers, Communications, and the Public Interest. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1971. p. 37-72.

*O livro didático de ciências humanas e sociais aplicadas como um documento histórico-imagético de preservação da ordem racista na sociedade contemporânea*

Submissão em 01 de agosto de 2025.  
Aceite em 30 de outubro de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



**Interritórios** | Revista de Educação  
Universidade Federal de Pernambuco,  
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267333  
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:  
proposições, articulações e reverberações**  
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267333>